



III Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países e Comunidades de Língua Portuguesa

A fotografia como recurso sensibilizador em/para a Educação Ambiental

Photography as a sensitizer resource in/ for Environmental Education

Bianca A. Gomes e Fátima Elizabeti Marcomin. Universidade do Sul de Santa Catarina (Brasil)

Resumo

Atualmente, vive-se em um contexto de degradação permanente do meio ambiente e de seus ecossistemas, em que o desenvolvimento está cada vez mais ligado à destruição dos ambientes naturais. Assim, faz-se necessário que a Educação Ambiental busque e encontre novas maneiras, meios e dispositivos para tratar/discutir a questão ambiental. A imagem é uma das principais formas de comunicação dos seres humanos (PETERMANN, 2006) e fundamental na leitura e compreensão do mundo (MUSSOI, 2008). Por isso, vem sendo utilizada como nova forma e abordagem para tratar a questão ambiental. O trabalho proposto objetiva compreender que tipo de fotografia, abordado neste estudo, contribui mais efetivamente para processos de sensibilização à questão ambiental. O trabalho será realizado a partir de uma pesquisa do tipo qualitativa de cunho fenomenológico. A execução do estudo dar-se-á desta forma: 1) no primeiro momento serão exibidas fotografias aos sujeitos da pesquisa - alunos do 3º semestre do curso técnico integrado de comunicação visual do Instituto Federal de Santa Catarina, campus Palhoça-bilíngue. Serão utilizados, neste momento, quatro instrumentos de busca de informações: a) filmagem dos sujeitos; b) fichas de observação; c) questionário e d) grupo focal. As informações serão interpretadas à luz da fenomenologia Merleau-Pontyana. 2) No segundo momento será feita a pesquisa-ação, onde os sujeitos serão estimulados a se apropriar do problema de pesquisa e buscar possíveis caminhos para a resolução do mesmo.

Astract

Currently lives in a permanent context of degradation of the environment and its ecosystems, where development is more and more tied to the destruction of natural environments. Thus, it is necessary that environmental education seeks to find new ways and devices to treat / discuss environmental issues. The image is one of the main forms of human beings communication (PETERMANN, 2006) and primordial for reading and understanding of the world (Mussoi, 2008). So it has been used as a new way and approach to deal with environmental issues. The proposed work aims to understand what kind of photography, discussed in this study contribute more effectively to sensitization processes for environmental environmental issues. The work will be a qualitative study of phenomenological nature. The execution of the study will follow this steps: 1) at first will be displayed photographs to the research subjects - students of 3rd semester of integrated technical course in visual communication from the Federal Institute of Santa Catarina, campus Palhoça-bilingue. Will be used at this point four tools to search of information: a) shoot the students; b) observation forms; c) questionnaire and d) focus group. The information will be interpreted under the Merleau-Ponty phenomenology. 2) In the second phase will be performed a pesquisa-ação where the subjects will be encouraged to take ownership of the research problem and seek possible ways to solve the same.

Palabras chave

Fotografia. Educação Ambiental. Sensibilização Ambiental.

Key-words

Photography. Environmental Education. Environmental Sensitisation.

O desvelar do tema

As pessoas vivem, atualmente, em um mundo repleto de imagens. Não apenas hoje, mas sempre se viveu e conviveu com elas, e, desde os princípios da humanidade fazem parte da vida dos homens (LEICHT, 1992). A palavra imagem é abrangente e pode ter várias definições, os lugares pelos quais se passa, as coisas que se vê e lê, as crenças e religiões de cada pessoa, até mesmo os sonhos são compostos por imagens (JOLY, 1996). A imagem é uma das principais formas de comunicação dos seres humanos, a chamada linguagem visual (PETERMANN, 2006), e, de acordo com BERGER (1999:9):

A imagem ultrapassa o código da escrita e se instaura no seio do processo educativo, trazendo à superfície o que já se sabia, mas pouco se explorava, ou seja, o fato de que ver precede as palavras. E mais: o ato de ver estabelece nosso lugar no mundo circundante.

Além de o ser humano viver em um universo comunicativo e fazer uso da linguagem visual em sua comunicação, o surgimento de novos recursos tecnológicos também têm aumentado muito as oportunidades de convívio e troca de informações entre

as pessoas. Por isso, é importante propor e discutir abordagens educativas que “[...] contemplem a polifonia, a multiplicidade e a diversidade do universo multifacetado ao qual o sujeito educado pertence” (DIAS, 2010:197).

Propagada pelo mundo através dos meios de comunicação, hoje em dia, a imagem é fundamental na leitura e compreensão do mesmo: dependendo do objetivo com o qual a imagem é utilizada, ela pode servir tanto como instrumento para alienação das pessoas quanto como meio de acesso ao conhecimento (MUSSOI, 2008). Por isso, a imagem vem sendo utilizada como auxiliar do aprendizado (MACHADO; SILVA, 2005). Como a imagem é muito popular na maioria das camadas sociais, se for utilizada para realizar uma leitura de mundo em uma perspectiva interdisciplinar e de problematização, ela pode se tornar uma forte aliada da educação contribuindo para a formação de pessoas que enfrentarão os novos desafios impostos pela sociedade (MUSSOI, 2008).

A fotografia é um tipo de imagem, e nela, entre o sujeito que a olha e a imagem produzida, há muito mais do que os olhos podem ver (MAUAD, 1996). A fotografia, então, não é e nem deve ser pensada apenas

como uma reprodução banal da realidade, ela é uma interpretação crítica da realidade e sua simbologia está no olhar do fotógrafo que tirou a foto e do observador da mesma, e não serão, necessariamente, interpretações iguais (TRISTÃO; NOGUEIRA, 2011). Por poder ser uma interpretação crítica da realidade, a fotografia pode e deve ser também utilizada no processo de ensino-aprendizagem.

A realização de pesquisas com a temática da educação ambiental se justifica porque hoje em dia se vive em um contexto de degradação permanente do meio ambiente e de seu ecossistema, onde o progresso está cada vez mais ligado à destruição do meio ambiente, situação tão crítica que é chamada por JACOBI (2011) de emergência mais do que ecológica, uma crise ambiental. Por isso, se faz muito necessária e urgente uma ênfase na educação ambiental além de usar a criatividade para encontrar outras maneiras, meios e dispositivos de ensino, conforme explica Jacobi (2011:30):

Isto nos coloca o desafio de desenvolver práticas educativas que apontem para a conscientização, mudança de comportamento e atitudes, e participação dos educandos. Isto desafia a sociedade a elaborar novas epistemologias que possibilitem o que MORIN (2003) denomina de 'uma reforma do pensamento' (FLORIANI, 2003: 116) no novo contexto do conhecimento do qual emergem as novas epistemologias socioambientais, plurais e diferenciadas.

Dentre as novas abordagens e formas de tratar a questão ambiental está a fotografia. Algumas pesquisas sobre a utilização da fotografia na educação vêm sendo realizadas - como os trabalhos de BORGES, ARANHA e SABINO (2010), DANTAS e MORAIS (2007), MUSSOI (2008), entre outros - e demonstram a relevância deste tema para o ensino, evidenciando também que é um campo muito abrangente e um assunto que ainda pode ser melhor estudado. BORGES, ARANHA e SABINO (2010) demonstram, por exemplo, que a fotografia auxiliou os alunos a uma compreensão melhor do conteúdo ministrado em uma palestra realizada para 24 turmas de alunos, e em metade das turmas os autores usaram fotografias a fim de ilustrar, exemplificar, etc. Na outra metade, houve apenas a palestra sem o auxílio da fotografia. Ao final, os alunos que tiveram contato com as fotografias acertaram mais questões na avaliação do que os outros que assistiram apenas à palestra expositiva, sem contato com as fotografias. Podem-se citar também o projeto Turismo CO₂ Neutro (ANDRADE; ARBAT BAU; PINTO FILHO, 2011) e o projeto educacional Genesis, do fotógrafo Sebastião SALGADO (SALGADO, 2006). No Turismo CO₂ Neutro, os pesquisadores entram em contato com agricultores do interior da Bahia e ensinam-lhes a trabalhar a terra sem promover degradação ao ambiente, como queimadas. Também orientam sobre cultivo sustentável e presenteiam os agricultores com banheiros químicos ecológicos.

Os recursos para custear o projeto são obtidos através de doações de empresários que se simpatizam com o projeto e que também recebem informações sobre turismo ecológico e um selo para o estabelecimento, revelando que eles se engajaram no projeto Turismo CO₂ Neutro. Além do mais, os pesquisadores usam a fotografia e trabalham com os empresários e agricultores um novo modo de olhar o ambiente e a natureza à sua volta. E esse novo olhar é registrado pela fotografia, exposto e também utilizado como forma de aprendizado (ANDRADE; ARBAT BAU; PINTO FILHO, 2011).

O projeto educacional Genesis, do fotógrafo Sebastião SALGADO, teve como objetivo transformar fotografias e notas de viagem em material didático para ser usado em escolas. As fotografias do projeto são imagens que revelam o lado selvagem do planeta, mostrando lugares distantes e isolados, onde a presença humana não chegou ou ainda não representa uma ameaça ao ambiente. Para exemplificar, têm-se as imagens de gorilas do parque Virunga, das ilhas de Galápagos, das baleias da Patagônia e da Antártida. A ideia norteadora deste trabalho é “[...] religar-nos com o mundo do início, antes que a humanidade o transforme de vez em algo quase irreconhecível [...] um caminho em potencial para que a humanidade redescubra-se fazendo parte da natureza” (SALGADO, 2006:2).

Por isso, o objetivo deste trabalho é compreender que tipo de imagem, positiva ou negativa, relacionada à questão ambiental, presta-se mais efetivamente a processos educativos voltados à sensibilização ambiental com vistas a estimular uma formação comprometida com a sustentabilidade socioambiental. Para tanto será feita uma pesquisa do tipo qualitativa de cunho fenomenológico, utilizando como método de pesquisa a pesquisa-ação.

Educação Ambiental e Fotografia

A problemática ambiental é uma das questões mais complexas e importantes com a qual o ser humano vem se defrontando na atualidade. Ela vai muito além de aspectos de ordem prática, como separar e reciclar o lixo. LEFF (2001:57) explica que a problemática ambiental

[...] não se esgota apenas na necessidade de dar bases ecológicas aos processos produtivos, de inovar tecnologias para reciclar os rejeitos contaminantes, de incorporar normas ecológicas aos agentes econômicos, ou de valorizar o patrimônio de recursos naturais e culturais para passar para um desenvolvimento sustentável. Não só responde à necessidade de preservar a diversidade biológica para manter o equilíbrio ecológico do planeta, mas de valorizar a diversidade étnica e cultural da espécie

humana e fomentar diferentes formas de manejo produtivo da biodiversidade, em harmonia com a natureza.

Os riscos ambientais pelos quais o planeta está passando são tão graves que as propostas do estilo “*plante uma árvore, promova a coleta seletiva de lixo ou desenvolva o eco turismo*” (PORTO-GONÇALVES, 2006:16) são tímidas e chegam até mesmo a serem pífias. Conforme o autor,

[...] estamos muito longe das respostas à La carte que nos são oferecidas por um ecologismo ingênuo, embora muitas vezes bem-intencionado, que a mídia manipula sabiamente nos convidando a cuidar do lixo nosso de cada dia ou daquela espécie que está ameaçada. Faça a sua parte, convidam-nos, como se a parte de cada um na injustiça ambiental que impera no mundo fosse de responsabilidade igual de cada um, como se o todo fosse a soma das partes, cada qual igual a outra (2006:15).

Por esses motivos várias formas de se lidar com essa questão estão sendo pensadas e estudadas, com destaque para a Educação Ambiental (EA), que tem ocupado mais espaço de reflexão e atuação para “*[...] compreender as mudanças globais de nosso tempo e para preparar novas mentalidades e habilidades, capazes de resolver os problemas ambientais, abrindo o caminho para um futuro sustentável, equitativo e democrático*” (LEFF, 2003:7).

O escritor francês Victor Hugo¹ sabiamente anunciou: “*Primeiro foi necessário civilizar o homem em relação ao próprio homem. Agora é necessário civilizar o homem em relação à natureza e aos animais*” (VITO, 2013, p. 291). E essa civilidade a qual o escritor chama atenção começa com uma transformação de paradigmas, uma mudança na forma do ser humano pensar, viver e se relacionar com o meio ambiente. Nesse contexto a EA “[...] *tem por princípio a transformação social para que se possa pensar, viver e sustentar um mundo melhor*” (GALIAZZI e FREITAS, 2005:7). De acordo com PEREIRA e FAVERO (2014), durante o século XIX, na época do Romantismo, que primeiramente surgiu com a valorização da natureza, houve uma mudança de pensamento. Para os românticos, “*a mente criativa humana ansiava pela harmonia entre o homem e a natureza*” (PEREIRA e FAVERO, 2014, p. 108).

Indo ao encontro das ideias anteriores, HART (2005) afirma que a filosofia implícita da EA é a melhora da relação entre homem e ambiente, e que, portanto, a EA deve fundamentalmente mostrar ao ser humano como agir moralmente com paixão, respeito e responsabilidade, e, ao invés de competição e destruição, é a cooperação

1 Victor Hugo foi um dos maiores escritores franceses do século XIX, autor de obras célebres como “O Corcunda de Notre Dame” e “Os Miseráveis”. Disponível em [http://pensador.uol.com.br/autor/victor_hugo/biografia/]. Acesso em 08 jan. 2015.

que deve construir o futuro. Ela deve ser também profunda o suficiente para poder realmente educar as pessoas em relação ao ambiente, uma vez que envolve fatores como mudanças de paradigmas, atitudes, ideais, hábitos, conceitos, mudanças sobre os valores e a importância atribuídos a cada coisa. E uma EA simplista, que não leva em consideração toda a complexidade da problemática ambiental fica longe de penetrar e trazer uma nova compreensão do mundo no sistema educacional formal (LEFF, 2001).

BARCELOS (2005) sugere tratar, olhar, analisar e interpretar determinado problema ecológico como um texto, pois o mundo pode ser visto como um texto e, dessa forma, pode-se fazer do mundo várias leituras, interpretações e, portanto, construir/desconstruir outras tantas representações. Além disso, o mundo, como o texto, carrega “*uma infinita dose de virtualidade. Traz, escondido em suas ‘entrelinhas’, vários outros mundos virtuais à espera de serem lidos, interpretados, representados. Serão tantos mundos e tantos textos quantos (as) forem seus leitores ou leitoras*” (BARCELOS, 2005:71). Algo similar ocorre em relação à fotografia, uma vez que ela pode ser analisada, interpretada de diversas maneiras e pode despertar tantas emoções, lembranças, sentimentos, ideias quantos forem seu(s) expectador(es); como afirma MAUAD (1996), entre o sujeito que olha a fotografia e a própria fotografia, há muito mais do que os olhos podem ver. “A fo-

tografia - para além da sua gênese automática, ultrapassando a ideia de analogon da realidade - é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real” (MAUAD, 1996:75). GUIMARÃES (2013) corrobora a ideia anterior ao dizer que a imagem pode ser tomada como um texto, produzindo efeito sobre quem a vê - os leitores. Ainda refletindo sobre as potencialidades da imagem, Guimarães (2013:115, grifos do autor) destaca que “*a potência da imagem é o que permite ‘ver o mundo de outra maneira’ - aceitando que não há ‘um modo’ imediato direto, não mediado pelo simbólico, de acessar o cotidiano. O que estaria em jogo, [...] não é somente o que a imagem nos oferece a ver, mas também o que nos pede*”.

A fotografia é um tipo de imagem e, assim, ela é uma forma de saber capaz de dialogar com a EA e auxiliá-la em seus objetivos. TRISTÃO e NOGUEIRA (2011:110) reforçam as potencialidades da imagem fotográfica ao enfatizarem que ela

[...] pode nos transportar para outros mundos, fascinando-nos, maravilhando ao fugir da trivialização, como pode nos alertar sobre as mazelas do mundo e do cotidiano massacrante. Ela pode ser também transgressora do lugar-comum, do que às vezes os olhos sem suas lentes não conseguem ver, capturar e sentir.

Uma vez que a EA é uma temática emer-

gente, exige um novo processo de abordagem, ou, pelo menos, uma adaptação do antigo (BARCELOS, 2005). E, para tanto, a EA está buscando e utilizando novas maneiras de sensibilizar as pessoas acerca dos inúmeros problemas que o meio ambiente vem enfrentando, e uma delas é inserir o universo da fotografia, o qual pode ser outra nova e eficaz forma de abordagem, permitindo ser também concebida como um dispositivo de sensibilização.

O *modus operandi*

Os sujeitos/atores participantes desta pesquisa são os alunos do curso técnico integrado em comunicação visual do Campus Palhoça-bílingue do Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil. Para a participação dos sujeitos no presente estudo será enviada uma carta questionando os alunos interessados em participar da pesquisa e também solicitando a autorização dos pais para a participação dos alunos (uma vez que são menores de idade), juntamente com o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE).

Nesta pesquisa trabalhar-se-á com a realidade de um grupo focal que, segundo GASKELL (2010), deve ter entre seis e oito participantes. Ele faz essa afirmação motivado por duas razões: a primeira é que há um número limitado de interpelações ou versões da realidade; a segunda é o fato

de que é muito difícil a análise de discussões em grupos focais com uma quantidade de muito grande de participantes.

O objeto desta pesquisa será a fotografia, utilizando imagens positivas e negativas com temáticas relacionadas à questão ambiental e ao meio ambiente. A investigação acerca do problema de pesquisa dar-se-á a partir da interpretação das opiniões e impressões dos alunos após observarem as imagens fotográficas exibidas a eles. Para que se obtenha uma abordagem metodológica o mais imparcial possível em relação às imagens, faz-se necessário definir fotografias que se encaixem dentro dos dois conjuntos de critérios, ambos explicados a seguir.

- 1 *Primeiro conjunto de critérios: aquilo que é retratado.* Diz respeito ao que a fotografia está mostrando – o conjunto correspondente àquilo que é retratado. Este conjunto é dividido em duas categorias, dependendo do que a fotografia retrata: a) categoria das fotografias positivas - aquelas fotografias que retratam o ambiente natural equilibrado e sem a presença humana ou aquelas que retratam o ambiente natural equilibrado com a presença humana, mas de forma que esta não domine a natureza e sim coexista em harmonia com ela; b) categoria das fotografias negativas - aquelas fotografias que mostram as consequências ruins que a dominação do homem e sua drástica interferência na natureza produzem, tais como

destruição e degradação do ambiente, extermínio da fauna e flora, crueldade com a natureza, entre outras.

- 2 *Segundo conjunto de critérios: características técnicas.* Refere-se aos aspectos técnicos que todas as fotografias escolhidas para esta pesquisa, não importando se positivas ou negativas, devem possuir: a) serem coloridas; b) não terem interferência de programas de edição de imagens, tais como o Photoshop; c) ter o mesmo grau de qualidade; d) ter resolução suficiente para impressão, de forma que a imagem impressa não comprometa a fotografia em si; e) ser de uma mesma fonte, de modo a preservar o padrão de qualidade e complexidade da fotografia. Para isso foram escolhidas fotografias da revista National Geographic; f) mesmo tamanho; g) serem apresentadas aos alunos com os mesmos padrões de visibilidade, acessibilidade, temporalidade, luminosidade e distância.

Será selecionado, então, o mesmo número de fotografias positivas e negativas, que possuam as características definidas anteriormente, para serem apresentadas aos alunos.

Exibição das fotografias e percepções dos sujeitos da pesquisa

É a partir do momento da exibição das fotografias aos sujeitos da pesquisa que serão obtidas as informações-base para

a interpretação suscitada à problemática de pesquisa. A exibição do grupo de fotografias positivas e negativas ocorrerá da seguinte forma: em um mesmo local serão exibidas tanto as fotografias positivas quanto as negativas. As positivas ficarão todas juntas de um lado da sala, e as negativas ficarão no lado oposto.

Neste estudo as impressões dos alunos e suas opiniões a respeito das fotografias exibidas são o ponto-chave para se entender a percepção que os alunos manifestam em relação às fotografias positivas e negativas, o que contribuirá sobremaneira para se alcançar o objetivo principal deste trabalho.

Conforme BAUER, GASKELL e ALLUM (2010), um instrumento de coleta interativo é uma forma interessante de se conseguir as informações relativas à interpretação de imagens, mas sempre utilizando-o de modo a focar a atenção dos participantes da pesquisa nas imagens sem, no entanto, conduzir suas respostas. Para tanto, serão utilizados cinco instrumentos de busca de informações nesta pesquisa, como descritos abaixo;

- 1º Instrumento - Em local determinado e da maneira como explicado anteriormente, as fotografias serão exibidas aos alunos. Durante a exibição das imagens aos sujeitos da pesquisa, suas reações, impressões e percepções ao observarem as imagens serão filmadas

para serem posteriormente observadas e interpretadas pelo pesquisador, constituindo-se, então, no primeiro instrumento de coleta de dados.

- 2º Instrumento – Além da filmagem, durante a exibição das fotografias também serão utilizadas fichas de observação onde serão anotadas as reações, impressões e percepções dos alunos em relação às fotografias, para posterior interpretação. Na hipótese de alguns sujeitos não permitam sua filmagem, as fichas de observação serão utilizadas para este propósito e, nesse caso, intensificados os registros. Esse registro de campo feito com as fichas de observação ajuda o pesquisador a conseguir realizar uma interpretação e análise imparcial, uma vez que, segundo BOGDAN e BIKLEN (1994), o pesquisador apresenta chances de ter sua análise influenciada pelas suas próprias ideias, conceitos, preconceitos, objetivos, etc. por isso se utilizam meios para evitar essa influência, como, por exemplo, o registro da pesquisa através das notas de campo. Além disso, a participação de mais de uma pessoa nesse registro é pertinente pois amplia os contextos de interpretação. Portanto, esses dois primeiros instrumentos de busca de informações utilizados nesta pesquisa possuem grande importância, já que também servirão como um registro fiel do que ocorreu durante a exibição das imagens.
- 3º Instrumento – Após a exposição das fotografias, os alunos responderão a um relato com perguntas referentes às imagens e às suas impressões. Primeiramente o aluno descreve o que sentiu, depois o relato dos seguintes pontos fundamentais:
 - 1) grupo de fotografias observadas primeiro: positivas ou negativas;
 - 2) razão de observar as fotografias desse grupo primeiro;
 - 3) fotografia que chamou mais a atenção;
 - 4) fotografia que menos chamou a atenção;
 - 5) como seria definida: se fotografia positiva ou negativa;
 - 6) se acredita ou não na fotografia como recurso para a sensibilização.
- 4º Instrumento – Após o relato, os sujeitos da pesquisa serão encaminhados para um local diferente de onde as fotografias foram exibidas e participarão do grupo focal, que é o quarto e último instrumento de busca de informações. O objetivo desta etapa é compreender a percepção dos alunos acerca das imagens. Neste momento eles têm a oportunidade de se manifestar sobre a sua opinião em relação à potencialidade sensibilizadora das imagens. Serão apresentadas, neste momento, algumas questões gerais e outras mais dirigidas e então o sujeito poderá participar com suas opiniões e impressões sobre o potencial sensibilizador das fotografias – a partir do grupo focal.

Um roteiro preliminar com as questões que guiarão o desenvolvimento do grupo focal é apresentado abaixo.

Roteiro de perguntas:

- 7)² Como você definiria EA?
- 8) As fotografias despertaram alguma coisa em você? Explique.
- 9) O que você entende por sensibilizar?
- 10) O que você entende por problemática ambiental?
- 11) Você acha que as fotografias sensibilizaram você acerca da questão ambiental? De que forma?
- 12) Que ligações você estabelece entre as imagens e o cotidiano?
- 13) Você mudaria alguma atitude ou hábito seu após ver essas fotografias?
- 14) Em sua opinião, para que serve a fotografia?
- 15) Você acredita que essas fotografias poderiam ser empregadas para projetos de sensibilização para a questão ambiental? Explique.

Os alunos serão estimulados a relatar se têm novas ideias a respeito da sensibilização sobre as questões ambientais através da fotografia e serão questionados se consideram que a fotografia sensibiliza para a questão ambiental.

2 Optamos por numerar as questões do roteiro do grupo focal de 7 a 15, pois ele e o questionário são instrumentos complementares neste trabalho, ambos serão utilizados para se atingir o mesmo objetivo. Um é a continuação do outro.

Como este trabalho se constitui em uma pesquisa-ação, os sujeitos serão estimulados a se apropriar do problema de pesquisa e tentar encontrar possíveis caminhos para o mesmo, por isso, nessa etapa então, após observar e analisar as fotografias, eles decidirão se usariam alguma delas para sensibilização, quais usariam, se mudariam algo, se escolheriam novas imagens, como usariam e deverão compor um grupo novo de fotografias com o objetivo de sensibilizar, expondo, então, esse grupo de fotografias para os colegas de classe a fim de trabalhar a sensibilização com os colegas. Compõem, para isso, registros em fichas de observação, fotografias da exposição e o material oriundo do grupo focal da data anterior. Por questões de logística e tempo de duração das etapas anteriores, essa etapa não será realizada no mesmo dia das anteriores, ela será feita com os sujeitos da pesquisa no dia imediatamente posterior ao da aplicação do grupo focal.

Após o processo de busca de informações, estas serão reunidas, transcritas e interpretadas à luz da fenomenologia com o objetivo de se contemplar a questão-problema levantada neste estudo. Esta pesquisa não tem por intuito fazer um esgotamento das análises apenas com a percepção da pesquisadora dos resultados obtidos, pois cada pessoa, e dependendo também do contexto de cada um, pode interpretar e dar um sentido diferente às informações obtidas. Este será um dos

olhares possíveis, até porque, como salienta Del MAESTRO (2010:86), no tocante à EA

[...] não há lugar para um fechamento teórico, doutrinário, filosófico ou ideológico desse campo do conhecimento. Não há lugar para o preconceito ou a discriminação. É tempo de caminhar juntos, com respeito e solidariedade a si, ao outro e à natureza, na direção de um pensamento universalista, entendido como espaço-tempo ético, voltado para o desenvolvimento de ideias, sentimentos e atitudes que promovam a vida, uma consciência universalista que não reconhece fronteiras, mas vê, sente e se relaciona com o outro como legítimo outro na convivência, seja ele humano ou habitante da biosfera.

Algumas considerações

Devido ao fato deste estudo ainda não ter sido realizado com os sujeitos, não se pode apresentar conclusões sobre o mesmo; no entanto, acredita-se que, a partir do aporte teórico e da hipótese levantada, as imagens fotográficas exerçam influência em processos sensibilizadores e possam se constituir importantes metodologias para essa finalidade. Tal abordagem poderá contribuir no sentido de gerar reflexões relevantes sobre a atuação humana no meio ambiente e sobre o comprometimento humano na direção da sustentabilidade socioambiental planetária e

extrapolar para a dimensão do exercício da cidadania.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, E. C. P.; ARBAT BAU, E.; PINTO FILHO, J. B. (Org.) (2011). Olhares cotidianos (re)velam o programa turismo CO2 neutro. Feira de Santana/BA: Editora UEFS.
- BARCELOS, V. (2005). Navegando e traçando Mapas – uma contribuição à pesquisa em Educação Ambiental. In: GALIAZZI, Maria do Carmo. FREITAS, José Vicente de. (Org.). Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental. Ijuí: Ed. Unijuí. p. 63- 84.
- BAUER, M. W.; GASKEL, G.; ALLUM, N. (2010). Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – Evitando confusões. In: BAUER, M. W.; GASKEL, G. (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BERGER, J. (1999). Modos de ver. Rio de Janeiro: Rocco.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. (1994). Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto. (Coleção Ciências da Educação).
- BORGES, M. D.; ARANHA, J. M.; SABINO, José (2010). A fotografia de natureza como instrumento para educação ambiental. Ciência & Educação, Bauru, v. 16, n. 1, p. 149-161. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132010000100009&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 jun. 2014.
- DANTAS, E. M.; MORAIS, I. R. D. (2007). O ensino de geografia e a imagem: Universo de possibilidades. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, IX, 2007. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/9porto/eugenia.htm>>. Acesso em: 04 jun. 2014.
- DEL MAESTRO, M. P. K. (2010). A percepção do sagrado na educação ambiental: entrelaçamentos de uma abordagem complexa e transdisciplinar. In: TRISTÃO, M. JACOBI, P. R. (Org.). Educação ambiental e os movimentos de um campo de pesquisa. São Paulo: Annablume, p. 69-90.

- DIAS, A. A. C. (2010). Educação hipertextual: por uma abordagem dialógica e polifônica na leitura de imagens. In: WELLER, Wivian. PFAFF, Nicole (orgs.). Metodologia da Pesquisa qualitativa em educação. Rio de Janeiro: Vozes. p. 197-208.
- GALIAZZI, M. C.; FREITAS, J. V. (Org.). (2005). Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental. Ijuí: Ed. Unijuí. 216 p.
- GASKELL, G. (2010). Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKEL, G.; ALLUM, N. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – Evitando confusões. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes. p. 64-89.
- GUIMARÃES, L. B. (2013). A sala de aula em cena: imagem e narrativas. Leitura: Teoria & Prática, Campinas, SP, nov., v.31, n. 61, p.113-123,
- JACOBI, P. R. (2011). Educação Ambiental, sociedade de risco e o desafio de inovar para modificar práticas sociais. In: SATO, M. (Org.). Eco-ar-te para o reencantamento do mundo. São Paulo: Rima Editora, FAPEMAT. p. 28-34. 360 p.
- HART, P. (2005). Narrativa, conhecimento e metodologias emergentes na pesquisa em Educação Ambiental – Questões de qualidade. In: GALIAZZI, M. C.; FREITAS, J. V. de. (Org.). Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental. Ijuí: Ed. Unijuí. p. 15- 53.
- JOLY, M. (1996). Introdução à análise da imagem. Campinas: Papirus. 152p.
- LEFF, E. (2001). Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes.
- LEFF, E. (Coord.). (2003). A complexidade Ambiental. Tradução de Eliete Wolff. São Paulo: Cortez.
- LEICHT, H. (1992). História Universal da Arte. 2. ed. Tradução de Guttorm Hanssen. São Paulo: Melhoramentos. 539 p.
- MACHADO, L. L.; SILVA, J. T. (2005). Objeto de aprendizagem digital para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem no Ensino Técnico em Informática. CINTED-UFRGS, Porto Alegre, Nov. v.3, nº 2. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/renote/article/download/13953/7852%E2%80%8E>>. Acesso em: 04 jul. 2014.
- MAUAD, A. M. (1996). Através da imagem: fotografia e história interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, nº 2. Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/20486128/1422449897/name/Fotografia.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.
- MUSSOI, A. B. (2008). A fotografia como recurso didático no ensino de geografia. Guaruapuava. Disponível em: <<http://www.diaaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/785-2.pdf>>. Acesso em 12 jun 2014.
- PEREIRA, J. C. FAVERO, F. (2014). A experiência na paisagem: a vivência estética, o sublime e o menor. Textura, Canoas, n. 30, p. 107-123, jan./abr.
- PETERMANN, J. (2006). Imagens na publicidade: significações e persuasão. UNRevista, São Paulo, v.1, nº3. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Linguagem%20Visual/imagens_na_publicidade_significacoes_e_persUasao.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2014.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. (2006). A globalização da natureza e a natureza da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- SALGADO, S. (2006). Genesis: como tudo começou. Teia Ambiental, Espírito Santo, abr., n. 62, Disponível em: <<http://www.cst.com.br/aplicacoes/documentos/02sql07/custom/inc/imagem.asp?arquivold=%7B5EEDBFF4-1A44-4DC8-859E-0A2D4D8592F2%7D&campo=arquivo>>. Acesso em: 19 set. 2014.
- TRISTÃO, M.; NOGUEIRA, V. (2011). Educação ambiental e suas relações com o universo da fotografia. In: SATO, M. (Org.). Eco-AR-TE para o reencantamento do mundo. São Carlos: RiMA/ FAPEMAT. p. 108-115.
- VITO, M. (2013). Os Deuses não eram Astronautas. São Paulo: Santarém. 300p.